

## Mais de 300 participantes acompanharam o primeiro dia de palestras do CEC 2017

Com o auditório “Altino Antunes”, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP), na Capital, completamente lotado aconteceu hoje o primeiro dia de atividades do XXV



Curso de Editoração Científica da ABEC. Durante todo o dia, mais de 300 participantes, entre eles editores e pesquisadores, assistiram a palestras sobre diferentes temas relacionados à divulgação científica.

A mesa de abertura contou com a presença de toda a Diretoria da ABEC e quem fez uso da palavra foi o presidente da entidade, o professor Rui Seabra Ferreira Júnior. O dirigente aproveitou para divulgar o ProCPC – Programa para Capacitação em Publicação Científica, um programa híbrido criado em parceria com o Council of Science Editors/USA, por meio do qual a maior parte dos requisitos para certificação dos editores poderão ser cumpridos no Brasil durante os eventos da ABEC. O programa se destina a todos aqueles que atuam em publicação científica e que estejam interessados em complementar sua formação para desempenhar suas funções editoriais de forma segura e atualizada. “A partir de agora, esse curso, que acontece durante o XXV CEC, será oferecido duas vezes por ano. Temos o prazer de anunciar que duas alunas já foram certificadas pelo ProCPC”, anunciou Seabra, acrescentando que, em breve, estará disponível no site da ABEC a relação de todas as revistas brasileiras e seu respectivo fator de impacto.



**Comitês Editoriais de Alta Performance** – Quem abriu a programação do CEC 2017 foi o professor Luiz Marins, da Fundação LAMF, que falou sobre “Como transformar o Comitê Editorial de seu periódico em um time de alta performance”. Segundo o palestrante, que também é professor de antropologia, o que mais motiva

uma pessoa é, principalmente, aquilo que o dinheiro não pode comprar. “É preciso que os membros de um comitê editorial, além do prestígio de fazer parte do grupo, tenham a oportunidade de crescimento. É isso que atrairá profissionais voluntários”, destacou. “Mas, mesmo voluntariamente, é preciso cumprir a palavra, cumprir prazos. É falta de civilidade, de respeito, como voluntário, se dispor a fazer algo e depois não cumprir. Se a pessoa é muito ocupada, precisa ter a coragem de dizer que não está disponível”, acrescentou.



**Rede Social Acadêmica** – Em seguida, foi a vez da convidada Juliana Akie Takahashi, que apresentou detalhes sobre o funcionamento e as vantagens da ferramenta Mendeley: gerenciador de referências e rede social acadêmica. A ferramenta, que é compatível com os sistemas operacionais Windows, MAC e Linux é gratuita, mas pode haver a necessidade de pagamento de anuidade dependendo da necessidade de armazenamento de dados, no caso de ser utilizada por empresas. No entanto, para pesquisadores, ainda é gratuita. Entre suas funcionalidades, pode ser usada para gestão de referências e permite uma importante interface com plataformas usadas como base de dados, como é o caso do Scopus. “Para utilizar o Mendeley, o pesquisador precisa ter seus dados cadastrados em uma base de dados e criar um perfil na rede social. A partir daí é possível fazer buscas específicas e genéricas utilizando palavras-chave, criar alertas sobre temas de interesse e também armazenar referências em sua área de pesquisa. Outra vantagem é a criação de grupos, que podem ser públicos, privados; com membros convidados (no qual há a presença de um administrador) para autorizar ou não a entrada de novos participantes”, colocou Juliana.



**O papel do editor-chefe** – O professor Antonio Python Cyrino, da Unesp, ficou com a incumbência de falar sobre “O papel do editor-chefe”. Ele colocou como principais papéis do editor: a coordenação do processo de avaliação do mérito científico, coordenação do processo editorial e coordenação do processo de avaliação, inovação e desenvolvimento, destacando seu papel pedagógico em relação aos autores. “Nós, editores-chefes também temos a responsabilidade de inibir eventuais desvios éticos, seja por meio de ações educativas ou punitivas”, destacou Cyrino.

**Comitê editorial** – As últimas três palestras do primeiro dia do XXV Curso de Editoração Científica da ABEC, ficaram sob a responsabilidade de Maria Helena Marziale, da USP, que abordou o tema: “Composição do comitê editorial”. Ela explicou sobre as atribuições de cada membro, falou da importância de se respeitar o regulamento das revistas e também ponderou sobre quais os critérios utilizados na avaliação dos artigos.





periódico; publicar estudos que deram certo e os que não tiveram sucesso também; usar descritores adequados e trabalhar em sintonia com o Comitê de Ética.

**Revisores** – José Eurico Possebon Cyrino, também da USP, falou sobre “Como obter revisões construtivas e eficazes”. Para ele, o trabalho começa com a instalação de uma comissão editorial de reconhecida competência científica. O palestrante ainda comentou sobre a importância de sintonizar a cabeça dos revisores para adoção do inglês como língua oficial e de expandir os bancos de revisores para incluir profissionais do exterior. “A melhoria da qualidade das publicações científicas está diretamente ligada à atuação dos revisores, por isso, eles precisam conhecer bem as peculiaridades de cada revista”, colocou. “Os poucos revisores disponíveis precisam ser bem tratados, instruídos e educados. Conseguir bons revisores tem sido bastante difícil”, emendou.

José Eurico observou que um desafio que se coloca atualmente é envolver os revisores com os periódicos e fazê-los entender que o editor de hoje e o revisor de amanhã. “O avanço da ciência depende da boa reputação dos periódicos e de informações confiáveis, por isso a revisão precisa ser eficaz e efetiva.



Também precisa ser justa, isenta, cordial, consciente e confidencial. Os periódicos precisam deixar claro para os revisores o que esperam deles, que, por sua vez, devem ter atitudes construtivas e nunca criticar pessoalmente o autor”, elencou.

**Preprints** – Abel Packer, da SciELO, apresentou “Uso de *Preprints* na publicação científica”. Na publicação acadêmica, um *preprint* é uma versão de um manuscrito antes da avaliação por pares, os quais certificam ou não sua publicação formal em um periódico. O preprint é depositado pelo autor correspondente em um servidor de *preprints*, geralmente temático, seguindo procedimentos públicos. Para Packer, os autores que produzem um *preprint* estão se expondo à leitura pública e, por isso, devem ter atenção redobrada à qualidade do seu manuscrito. “Resultados incoerentes já podem ser identificados no *preprint*, pesquisas inovativas podem ser aprovadas e não impede que o trabalho seja publicado por um periódico”, argumentou.

Packer anunciou que a Scielo pretende colocar em operação seu servidor de *preprint* a partir de julho de 2018. “O *preprint* viabiliza o acesso aberto aos principais resultados. Representa inovação na produção científica, aumenta o controle de qualidade e a velocidade da publicação”, continuou o palestrante.

Paralelamente às palestras, foi realizado o Minicurso ProCPC – Ética na publicação – Parte I, coordenado por Sigmar M. Rode, da Unesp; ABEC e Edson Watanabe, da UFRJ.

### **CEC 2017: palestras do segundo dia do evento ensinaram participantes a aprimorar a qualidade de seus periódicos científicos**

Auxiliar os editores a aprimorarem cada vez mais a qualidade dos seus periódicos. Foi com esse foco que aconteceu o segundo dia de atividades do XXV Curso de Editoração Científica da ABEC, que teve início com uma palestra “Como [e por quê?] otimizar publicações em OJS”, ministrada por Suely de Brito Clemente Soares, do Content Mind e membro da diretoria da ABEC.



**Como otimizar publicações em OJS?** –Suely provocou a plateia com algumas indagações sobre o uso das novas tecnologias (hipermídia) para aumentar o acesso às revistas digitais, como artigos e editoriais em áudio ou vídeo, inclusive disponibilizando referências com foto (com hiperlinks para lattes e ORCID), além de técnicas pra otimizar o

PDF da publicação. Ela abordou o que chamou de “referências do futuro”, sugerindo o uso da ORCID – que é um código alfanumérico não proprietário para identificar exclusivamente cientistas e outros autores acadêmicos e contribuidores. “Nossas revistas ainda estão usando a web como impressora. Por que não disponibilizar um número de whatsapp para agilizar o contato autor-editor?”, provocou. “As revistas devem estar abertas a receber comentários de seus leitores na internet em relação aos seus artigos. No entanto, é importante exigir que eles se cadastrem no OJS (Open Journal Systems) com nome, e-mail e senha”, concluiu Suely.

**DOI** – A segunda palestra foi sobre “Atribuição de DOI para a publicação científica”, apresentada por Milton Shintaku, do Ibict e membro da diretoria da ABEC. Ele explicou que um DOI (Sistema que permite a



identificação, localização e descrição unívoca de entidades digitais, físicas ou abstratas) não pode ser removido após ter sido atribuído. Ele ainda comentou sobre o funcionamento das agências de registros e como é o processo de atribuição do

DOI. “Revistas de universidades públicas, por exemplo, têm dificuldade para

fazer pagamentos no exterior, por isso a ABEC tem parceria com a Crossref para auxiliar os pesquisadores nessa tarefa. Não há cobrança de anuidade e o pagamento pode ser feito em reais”, destacou.

Shintaku lembrou que o DOI pode ser usado para identificar: revistas, fascículos, artigos, figura, tabela, anais de ventos, livros, dissertações, entre outros.

**Scholar One** – Ariane Fernández, da Clarivate, conversou com os participantes do CEC 2017 sobre “Uso de ferramentas específicas do Scholar One e sua influência na qualidade dos periódicos”. Entre as principais funcionalidades da plataforma, ela mencionou a possibilidade de os autores

enviarem manuscritos para revisões e



acompanharem o status desse processo. Por meio da ferramenta ainda é possível checar se o manuscrito está apto a ser considerado no fluxo de submissões e depois segue para a revisão em pares, recomendações e decisão e, por fim, a pré-produção. “O Scholar One deve

estar disponível totalmente em português até o fim de 2017, mas, atualmente, mesmo ele sendo em inglês, as instruções do manuscrito podem ser inseridas em português”, observou Ariane.

**Crossref** – Edilson Damásio, da Universidade Estadual de Maringá, tratou dos temas “Crossmark e Cited by Linking: ferramentas do Crossref para apoio aos periódicos científicos”. Na primeira parte de sua apresentação, ele falou sobre



o gerenciamento de erratas e retratações nos artigos, mudanças de conteúdo que, segundo ele, os leitores precisam saber. Damásio explicou que a plataforma Crossmark, da Crossref, revela o status do conteúdo de um item, mostrando correções, atualizações, retratações e outros metadados úteis, como dados de financiamento e licenças, através de um botão padrão e box de

informações (pop-up). “É uma ótima maneira de mostrar aos leitores informações extras ou atualizadas sobre o conteúdo que estão visualizando. A informação fica junto ao artigo e pode ser acessada mesmo fora do site do editor”, esclareceu.

**Cited-by linking** – Na segunda parte da apresentação, o palestrante explicou que o Cited-by linking, da Crossref fornece uma clara visão das publicações que citaram um conteúdo e permite ao editor exibir essas informações em seu site. O serviço é opcional e não há taxa para participar. “Determinar quem citou

seu conteúdo pode ser difícil; Citedby fornece uma maneira de encontrar facilmente essas citações e exibir os resultados”, ponderou.



**Fontes de indexação** – Ao ministrar a palestra “Fontes de indexação: o que o editor precisa saber para indexar seu periódico”, Gildenir Carolino Santos, da Unicamp e ABEC comentou que para uma publicação científica, estar indexada significa estar selecionada para indexação em uma base de dados, diretório ou portal de indexação de

acordo a critérios de seleção próprios, cujos artigos são representados como unidades informacionais, identificados por campos de dados específicos, que podem ser recuperados individualmente ou combinados entre si. “Se a indexação determina o volume de citações, logo isso comprova que quanto mais indexado o periódico, mais promoção da visibilidade e reconhecimento na área de conhecimento ele terá, bem como garantir indicadores de produção científica”, colocou.

Gildenir ainda esclareceu que as fontes de indexação podem ser: proprietárias, públicas ou autônomas e também deu dicas de onde e como é possível indexar um periódico. Também apresentou detalhes sobre a diferença de “indexadores” e “divulgadores”, além de citar os critérios, benefícios e vantagens da indexação. “Os editores de revistas precisam saber identificar as fontes pelos tipos; escolher os indexadores de sua área e os gerais; saber em quais podem ser aceitos de imediato, verificar os critérios e fazer a solicitação. Quanto mais indexar, maior a visibilidade. Também é importante criar o perfil da sua revista ou periódico no Google Acadêmico e incluir o bibliotecário na sua Equipe Editorial”, recomendou.



**Produção editorial: do aceite à publicação** – No período da tarde, foi esse o tema que ficou sob responsabilidade de Paulo Sentelhas, da USP. Depois de apresentar um pouco da trajetória da Revista Scientia Agrícola, da Universidade de São Paulo, da qual é editor-chefe, ele falou sobre as etapas pós-aceite dos trabalhos. “É fundamental a definição do

número em que um dado trabalho deverá ser publicado depois de aceite. Isso dependerá basicamente do interesse que irá despertar no público. Sendo um trabalho com potencial de citação muito elevado, deverá ser publicado o quanto antes, de modo que ele permaneça passível de citação pelo maior tempo possível”, destacou. No entanto, o palestrante admitiu que essa não é uma decisão fácil, pois implicará em remeter trabalhos submetidos e aceitos há mais tempo para números posteriores, o

que pode parecer injusto com os autores que estão ansiando pela publicação de seus trabalhos e aumentar o tempo entre submissão e publicação.

Entre outras dicas, Sentelhas frisou a importância de os editores contarem com um checklist muito bem elaborado no sentido de ajudar na identificação de problemas dos artigos após o aceite; contar com programas de plágio tanto na submissão quanto no pós-aceite; contar com a ajuda de profissionais na língua em que a revista é publicada de modo a manter um padrão constante de qualidade dos trabalhos aceitos e elaborar planos de ação para que a revista seja amplamente divulgada.

### **Profissionalização de processos editoriais – Solange Santos, do SciELO, foi**



até o CEC 2017 para tratar de um tema bastante relevante para a editoração científica, que é a normalização dos dados. O objetivo de sua fala foi contribuir para o desenvolvimento da pesquisa científica com ênfase no aperfeiçoamento das revistas científicas editadas no país. “Se observada de uma perspectiva mais ampla

Normalização perpassa vários aspectos da gestão editorial, podendo inclusive, fornecer informação relevante sobre o cuidado, transparência, boas práticas e qualidade na gestão de procedimento processos editoriais”, observou.

Solange falou a respeito da composição e funcionamento dos conselhos e processos editoriais e ainda da normalização e critérios utilizados pelo SciELO.

### **Divulgação científica por meio das redes sociais – Lilian Caló, da Bireme, envolveu o público presente no CEC 2017 com dados recentes sobre as vantagens do uso das redes sociais para a divulgação científica. Entre os argumentos que utilizou, a palestrante ressaltou que os pesquisadores estão expostos à quantidades crescentes de informação científica publicada e as redes sociais podem ser usadas para selecionar informação relevante e como filtros de conteúdo, além de serem usadas para recomendar e avaliar artigos e outros conteúdos científico expondo à**



sociedade discussões antes restritas à comunidade científica.

A convidada ainda ponderou que as redes sociais oferecem novas perspectivas para medir impacto científico, fornecendo novas possibilidades,

criando formas de disseminação de conteúdos que catalisam o processo de publicação e avaliação da ciência. Além disso, aproximam a ciência de seu público-alvo, encorajando a publicação em acesso aberto e traduzindo conteúdos complexos para o público leigo.

Em outro momento, Lilian destacou a importância da imprensa leiga na transmissão do conhecimento médico para a comunidade científica.



**Orcid: integração com outros ID's** – Encerrando o dia de atividades, Suely de Brito Clemente Soares, do

Content Mind e membro da diretoria da ABEC, explicou o passo a passo de como os editores científicos utilizarem as vantagens oferecidas pela plataforma ORCID (Connecting Research and Researchers), um código

alfanumérico não proprietário para identificar exclusivamente cientistas e outros autores acadêmicos e contribuidores.



**Minicurso ProCPC** –

Paralelamente, foi realizada a segunda parte do Minicurso ProCPC – Ética na publicação, coordenada por Sigmar M. Rode, da Unesp e ABEC e Edson Watanabe, da UFRJ.

## Último dia de atividades do CEC 2017 foi marcado por discussões sobre métrica e avaliação dos periódicos



Parte dos participantes posou para foto no final do CEC 2017

Na última manhã de atividades da XXV edição do Curso de Editoração Científica da ABEC, realizado na Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia

da USP, em São Paulo, entre os dias 21 e 23 de junho, as principais atividades se concentraram no encerramento do minicurso ProCPC sobre Ética na publicação e em duas mesas-redondas sobre avaliação e métricas para periódicos. Durante as discussões, os participantes puderam fazer perguntas e interagir com os palestrantes.



### **Minicurso – Ética na publicação –**

Na parte final do minicurso, coordenado pelos professores Sigmar M. Rode, da Unesp e ABEC e Edson Watanabe, da UFRJ, foram lembradas algumas personalidades brasileiras que, apesar das contribuições em suas respectivas áreas, não tiveram o devido reconhecimento. Os exemplos serviram para que o

professor Sigmar provocasse os alunos com a frase: “Precisamos gostar do Brasil e termos orgulho de ser brasileiros”.

O professor ainda destacou que há uma sobrecarga de informações científicas sendo publicadas. “O PubMed adiciona uma média de mais de dois resumos por minuto em sua base de dados e isso apenas em ciências médicas e da vida. Se isso não equivale à sobrecarga de informação, então o que seria?”, indagou. Sigmar ainda abordou os temas: “Funções e responsabilidade na publicação”; Identificação da má conduta e orientações para ação”; “Funções e responsabilidade do editor”, tanto no que diz respeito ao peer review como em relação aos revisores, a liberdade editorial e os conflitos de interesse. “Um autor é geralmente considerado como aquele que deu contribuição intelectual substancial. No passado, os leitores de periódicos tinham pouca informação sobre o papel de cada um na confecção do trabalho, e alguns periódicos têm dado maior importância a isso, solicitando aos autores sua contribuição no estudo, pelo menos em pesquisas originais”, frisou.



Bruce Rosenblum, do Inera, convidado internacional

### **“Métricas para periódicos” –**

Enquanto isso, no auditório Altino Antunes, os participantes assistiram à apresentação de Bruce Rosenblum, do Inera, sobre JATS, XML, and Related Publishing Standards. Em seguida, foi realizada a mesa-redonda

“Métricas para periódicos”, com a participação de Ariane Fernández, que falou sobre “Fator de Impacto”; Milton Shintaku, do Ibict, que apresentou dados sobre Webmetria e Andréa Gonçalves do Nascimento, da Unirio, que abordou o tema Altmetrics.



### Mesa-redonda “Métricas para periódicos”

Shintaku destacou que o surgimento da web trouxe mudanças na relação com a informação. Foram criados sites e portais e disseminou-se a web 2.0, por meio da qual os usuários se tornaram publicadores de informação. Ele falou sobre a webometria (define a utilização de métodos infométricos na Web), relação entre as métricas, relação

entre links, indicadores e aplicações webometricas o estudo webométrico de revistas.

Andréa Gonçalves falou sobre Altmetrics e destacou, ao reproduzir um pensamento de Dylan Parker, Associate Publisher at BioMed Central, que é preciso apoiar os autores na compreensão do impacto da pesquisa como ela ocorre, fornecendo medidas de uso do artigo a partir da citação tradicional, downloads e acessos para entender a cobertura da mídia, o compartilhamento de artigos e outras referências que colocam esse uso em contexto. Ela ainda frisou que citações, estatísticas de uso e altimetria são todos indicadores importantes e imperfeitos dos valores refletidos pelo termo impacto acadêmico. Andréa ainda explicou sobre o funcionamento das ferramentas de altimetria, métricas alternativas e como atrair possíveis autores.

**Mesa-redonda** – Após o intervalo, Márcio Zeppelini, da Zeppelini Publishers, apresentou uma solução on-line para revisão e tradução de manuscritos. Em seguida, foi realizada a mesa redonda –“Objetivos, resultados e consequências da avaliação de periódicos”, com a participação de Geraldo Brasileiro, da UFMG; Rui Seabra Ferreira Jr, da Unesp e presidente da ABEC, e Abel Packer, do SciELO.



**Capes** – O primeiro a fazer uso da palavra foi Geraldo Brasileiro, coordenador de Medicina II da Capes, que tratou dos critérios Qualis para classificação de periódicos. Ele falou sobre o Sistema Qualis, Qualis Periódicos, além dos Princípios e Critérios de Estratificação. Em relação à pontuação docente e discente ele destacou que A1 equivale a 100

pontos e B5 de 1 a 10 pontos. Como referenciais dos periódicos, citou: perfil do periódico, bases de indexação, índices bibliométricos, periódicos estrangeiros e nacionais e número de programas de pós-graduação que publicam no periódico.

Como fatores de exclusão, Brasileiro destacou os periódicos que não atendem a boas práticas editoriais ou a listas de organismos internacionais. Em relação aos critérios de estratificação, o palestrante elencou: Perfil do Periódico (considerando o corpo editorial, periodicidade, fluxo de artigos, aderência à área e periódico de Sociedade Científica). Sobre a importância do Qualis, o coordenador da Capes citou como argumentos: Sistema de Parametrização, Transparência, Reprodutibilidade, Orienta a avaliação e mencionou algumas limitações. “Periódico C não atende boas práticas editoriais e não preenche critérios de A1 a B5”, destacou.



Logo em seguida, Rui Seabra Ferreira Jr falou sobre os critérios do CNPq para avaliação de periódicos.

**CNPq** – Rui argumentou que o objetivo da chamada MCTI/CNPq Nº 24/2015 – Apoio a Editoração e Publicação de Periódicos Científicos é apoiar propostas que visem incentivar a editoração e

publicação de periódicos científicos brasileiros de alta especialização em todas as áreas de conhecimento de forma a contribuir significativamente para o desenvolvimento científico e tecnológico e inovação do País. O palestrante ainda apresentou tabelas com dados sobre a distribuição do número de propostas, montante solicitado e disponibilidade de recursos por área do conhecimento. “Em 2015 foram submetidas 244 propostas, enquanto em 2016 foram 186, havendo, então, uma diminuição no número de propostas recebidas de aproximadamente 23,8%. Em relação ao recurso global solicitado para esta Chamada (R\$14.893.248,08) houve uma redução de 19,8% em relação a 2015 (R\$18.567.856,46)”, destacou.

O presidente da ABEC apresentou os critérios de análise e julgamento e esclareceu que entre os critérios gerais estabelecidos pelo Comitê do CNPq está o de que nenhuma proposta que obtivesse nota menor do que 3,0 fosse recomendada. “Nas áreas de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e Letras, Linguística e Artes, os membros do Comitê fixaram como nota de corte o valor de 3,6 não recomendando propostas abaixo desta nota”, acrescentou.

Rui ainda elencou as propostas aprovadas e o montante de recursos alocados nas Grandes Áreas do Conhecimento. “Decidiu-se que a partir da Chamada 2017 não devem ser recomendadas as revistas que cobrem taxa de submissão”, citou.

**SciELO** – Fechando a rodada de apresentações, Abel Packer, do SciELO, citou estatísticas de produção científica brasileira indexada na Web of Science e no Scopus. Citou as Políticas e programas nacionais e institucionais em informação científica (acesso à informação científica, publicação em periódicos de alto impacto, fortalecimento dos periódicos do Brasil, repositórios de acesso

aberto, transferência de conhecimento, divulgação científica, revisões sistemáticas, avaliações, entre outros.



Abel Packer, do SciELO

Em relação ao Programa SciELO Brasil, Abel colocou que o objetivo é contribuir para o avanço da pesquisa e sua comunicação. As linhas prioritárias são: profissionalização, internacionalização e sustentabilidade financeira. O palestrante também apresentou estatísticas sobre a evolução

anual do número acumulado de periódicos indexados, excluídos e do saldo de alvos da SciELO Brasil no final de cada ano; a evolução anual do número total de documentos e de artigos indexados e ainda a proporção de artigos em inglês divididos por áreas temáticas. “Os periódicos brasileiros devem buscar credibilidade e valorização, precisam inovar por meio da desintermediação e colocar como desafio o acesso aberto com sustentabilidade”, observou.

Durante os três dias do CEC 2017 foram realizadas palestras e mesas-redondas que trouxeram aos participantes temas discutidos mundialmente. A intenção foi capacitá-los para praticarem, cada vez mais, uma divulgação científica de qualidade.



Diretoria da ABEC, ao final do evento

**Próximo evento** – O próximo evento da Associação, o “ABEC Meeting 2017” será realizado entre os dias 6 e 9 de novembro, em Curitiba. Será voltado para editores científicos mais experientes e discutirá como tema central a sustentabilidade e a internacionalização dos periódicos

científicos. As apresentações dos convidados que palestraram nos três dias do evento estão disponíveis no site da ABEC: [https://www.abecbrasil.org.br/eventos/xxv\\_curso/index.asp](https://www.abecbrasil.org.br/eventos/xxv_curso/index.asp)